

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS  
ACADEMIA REAL MILITAR (1810)  
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

**Caio Peixoto Gaspar Ribeiro**

**A IMPORTÂNCIA DO IDIOMA INGLÊS PARA AS TROPAS BRASILEIRAS NAS  
OPERAÇÕES MILITARES NO EXTERIOR**

**Resende**

**2021**

Caio Peixoto Gaspar Ribeiro

**A IMPORTÂNCIA DO IDIOMA INGLÊS PARA AS TROPAS BRASILEIRAS NAS  
OPERAÇÕES MILITARES NO EXTERIOR**

Monografia apresentada ao  
Curso de Graduação em  
Ciências Militares, da Academia  
Militar das Agulhas Negras  
(AMAN, RJ), como requisito  
parcial para obtenção do título  
de **Bacharel em Ciências  
Militares.**

**Orientadora:** 2º Ten Tatiane Aparecida Bianchi de Souza da Silva.

**Resende**

**2021**

Caio Peixoto Gaspar Ribeiro

**A IMPORTÂNCIA DO IDIOMA INGLÊS PARA AS TROPAS BRASILEIRAS NAS  
OPERAÇÕES MILITARES NO EXTERIOR**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

Banca examinadora:

---

2º Ten Tatiane Aparecida Bianchi de Souza da Silva  
(Orientador)

---

---

Resende  
2021

Dedico este trabalho a minha família (Ludovino, Angélica e Diego) e a todos aqueles que ajudaram de certa forma na conclusão desta monografia.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, pela minha vida, por me ajudar a ultrapassar todos os momentos difíceis ao longo do Curso de Formação de Oficiais.

Aos meus pais, irmão e namorada que me ajudaram em todos os desafios até aqui vencidos e por compreenderem minha ausência durante o transcurso da formação.

A Tenente Tatiane por ter aceitado o convite de ser minha Orientadora, e pela sua inteira disponibilidade durante toda a realização deste trabalho.

## RESUMO

### A IMPORTÂNCIA DO IDIOMA INGLÊS PARA AS TROPAS BRASILEIRAS NAS OPERAÇÕES MILITARES NO EXTERIOR

AUTOR: Caio Peixoto Gaspar Ribeiro

ORIENTADORA: 2º Ten Tatiane Aparecida Bianchi de Souza da Silva

Este trabalho visa relatar a importância do idioma inglês para as tropas brasileiras nas operações militares no exterior. Desta forma, faz-se necessária a realização de um estudo bibliográfico onde será descrita a origem e evolução da linguagem. Também é de suma importância verificar a importância do homem se comunicar através da linguagem, e descrever o histórico da Língua Inglesa. Posteriormente, será realizado um estudo de campo com setenta e sete Cadetes do curso de formação da AMAN, com o objetivo de analisar a importância do idioma inglês para as tropas brasileiras nas operações militares no exterior. Através do estudo teórico busca-se comprovar a importância da linguagem e da comunicação para o ser humano e o estudo de campo corroborar para a importância do inglês para as operações militares no exterior, tendo em vista que o militar necessita comunicar-se com os soldados de exércitos estrangeiros, executar comandos ordenados no idioma inglês e, também com a população local. Uma vez que a comunicação seja lograda em sua totalidade, permitirá ao militar alcançar êxito em suas operações, sendo relevante que a língua inglesa faça parte do currículo da AMAN.

**Palavras-chave:** Idiomas; Língua Inglesa; Operações militares; Exterior

## **ABSTRACT**

### **THE IMPORTANCE OF THE ENGLISH LANGUAGE FOR BRAZILIAN TROOPS IN MILITARY OPERATIONS ABROAD**

**AUTHOR:** Caio Peixoto Gaspar Ribeiro

**SUPERVISOR:** 2º Ten Tatiane Aparecida Bianchi de Souza da Silva

This work aims to report the importance of the English language for Brazilian troops in military operations abroad. Thus, it is necessary to carry out a bibliographic study where the origin and evolution of language will be described. It is also extremely important to verify the importance of man communicating through language, and to describe the history of the English language. Subsequently, a field study will be carried out with seventy-seven Cadets from the AMAN training course, with the aim of analyzing the importance of the English language for Brazilian troops in military operations abroad. The theoretical study seeks to prove the importance of language and communication for human beings and the field study corroborates the importance of English for military operations abroad, given that the military needs to communicate with soldiers foreign armies, execute commands ordered in the English language and also with the local population. Once communication is achieved in its entirety, it will enable the military to achieve success in their operations, being relevant that the English language is part of the AMAN curriculum.

**Keywords:** Language; English Language. Military operations; Abroad

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
1.1 OBJETIVOS.....	10
1.1.1 Objetivo geral.....	10
1.1.2 Objetivos específicos.....	10
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 ORIGEM E EVOLUÇÃO DA LINGUAGEM.....</b>	<b>11</b>
2.1.1 Teorias sobre a origem da linguagem.....	12
2.1.2 A importância do homem se comunicar através da linguagem.....	14
<b>2.2 HISTÓRICO DA LÍNGUA INGLESA.....</b>	<b>15</b>
2.2.1 A influência francesa.....	16
2.2.2 O colonialismo e a língua.....	17
2.3 O INGLÊS UTILIZADO EM MISSÕES PELO MUNDO.....	18
<b>3 REFERENCIAL METODOLÓGICO.....</b>	<b>18</b>
3.1 TIPOS DE PESQUISA.....	20
3.2 MÉTODOS.....	20
<b>3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....</b>	<b>20</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>21</b>
4.1 RESULTADOS.....	21
4.2 RESULTADOS.....	21
4.3 DISCUSSÃO.....	27
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>31</b>
<b>ANEXO 1 - ENTREVISTA COM OS CADETES.....</b>	<b>32</b>
<b>ANEXO 2 - ENTREVISTA COM OS OFICIAIS.....</b>	<b>32</b>
<b>ANEXO 3 – AS 20 LÍNGUAS MAIS FALADAS NO MUNDO.....</b>	<b>33</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O idioma é um assunto educacional com diversas possibilidades, sendo extremamente útil na carreira de qualquer militar. Todos militares, do Soldado mais moderno ao General mais antigo, deveriam ter o mínimo de conhecimento possível sobre outros idiomas diferentes da língua mãe, não simplesmente só por saber, mas também para ficar em condições de a qualquer momento ser empregado de maneira efetiva em missões em países que tem a língua mãe diferente do português.

O aprendizado da língua inglesa destaca-se como um grande diferencial para todos os militares que desejam estar habilitados para receber uma gama de missões no exterior, pois o inglês é uma língua que é reconhecida mundialmente e com ela qualquer pessoa consegue se comunicar na maioria das partes do mundo.

Em toda sua história, o Exército Brasileiro participou de diversas ações fora do território nacional, da II Guerra Mundial (1939-1945) à Pacificação do Haiti (2004-2017), não restam dúvidas de que suas ações são de extrema importância no cenário internacional. Seus êxitos, e seus atos de coragem e bravura, são relatados em diversos livros de história, por conseguinte, sua imagem é bastante conhecida e exaltada por outros exércitos, como o argentino, paraguaio e italiano. Logo, deve-se utilizar a imagem de toda essa história construída como modelo a ser seguido pelos militares nas próximas missões realizadas.

Assim sendo, cabe problematizar a questão: qual a importância do conhecimento do idioma da língua inglesa baseada nas missões no exterior já realizadas, e de que forma este idioma facilitou na convocação do militar para a missão, como também em seu cumprimento?

Justifica-se o tema tendo em vista que, durante as diversas missões no exterior, o Exército Brasileiro agiu de forma interativa com exércitos de outros países, entre eles, os que utilizam língua inglesa e como é de costume a grande interação das tropas com a população local de onde estão atuando. Com essa experiência que já é de conhecimento de muitos militares, evidenciou-se a necessidade de o militar conhecer a língua inglesa. Logo, o idioma relaciona-se diretamente ao bom cumprimento das missões.

Dentro dessa concepção, existe a hipótese de que os militares que detêm o conhecimento da língua inglesa serão mais facilmente convocados para esses tipos de missão, como também terão maior desenvoltura e êxito ao realizá-las.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo geral

Analisar a importância do idioma inglês para as operações militares no exterior, buscando destacar que a fluência no idioma em questão pode culminar no êxito da missão.

### 1.1.2 Objetivos específicos

Descrever a origem e evolução da linguagem; Verificar a importância do homem se comunicar através da linguagem; Descrever o histórico da língua inglesa.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 ORIGEM E EVOLUÇÃO DA LINGUAGEM

Segundo Everett (2019), a origem e evolução da linguagem ainda é um tópico que não é atualmente resolvido por paleoantropólogos e linguistas, que são forçados a basear seus estudos em evidências indiretas porque a linguagem é virtualmente invisível no registro arqueológico. As primeiras hipóteses já começaram nos tempos de Darwin.

A linguagem é um dos traços comportamentais mais distintos de nossa espécie, uma vez que nenhum outro animal se comunica da forma como o fazemos. Por esta razão, apenas a comunicação humana pode ser chamada de "linguagem", com os sistemas de comunicação animal sendo "meios de transmissão de informação não linguística". Assim, descartar-se que a linguagem é apenas uma forma superior de alguma função animal: a linguagem é um fenômeno qualitativamente novo e, como tal, não tem um verdadeiro análogo dentro do mundo da anima (EVERETT, 2019).

De acordo com Saraiva (2014), o ser humano tem uma tendência instintiva para falar, e hoje, sabe-se com certeza que a linguagem evoluiu dentro da linhagem humana, mas ainda há a pergunta de quando se originou e como essa evolução ocorreu. Alguns autores argumentam que ela surgiu no início da história dos hominídeos e, após um processo de evolução lenta e gradual, atingiu a forma moderna nos últimos tempos. Para outros, por outro lado, a linguagem apareceu muito tardiamente e teve uma evolução muito rápida. As bases em que se fundamentam esses argumentos são muito variadas: algumas têm base anatômica, outras estão relacionadas a práticas culturais, alguns estabelecem ligações comparativas com os gritos ou sons emitidos por diferentes animais, em alguns casos está relacionado à gesticulação, há quem a compara com a linguagem dos surdos-mudos, etc.

A evolução da linguagem seguiu diferentes graus sucessivos, ou seja, o caminho que leva até ela é a soma de um conjunto muito diversificado de habilidades de comunicação cuja filogênese se estende por pelo menos dois milhões de anos atrás. Essa habilidade comunicativa segue um curso diferente do surgimento de um sistema eficiente de produção sonora (aparelho orofaringolaríngeo) e de um meio de identificação fonética / semântica que relaciona as combinações de sons com significados (graças à complexa rede de conexões neurais que são amplamente ignoradas). Tal capacidade é exclusivamente humana e pode ser gerada por mutações genéticas muito precisas (SARAVIA, 2014).

Kristeva (2007) afirma que no decorrer do tempo verificou-se as mudanças que o cérebro sofreu ao longo da evolução humana a partir do aumento do volume progressivo e pela determinação de certas áreas ou regiões a partir da elaboração dos moldes endocranianos, mas, em vez disso, não se tem uma evolução comprovada da base anatômica do aparelho orofaringolaríngeo. Esta circunstância obriga a aceitação de soluções hipotéticas, cujas bases são discutíveis.

É evidente que para falar são necessários órgãos adequados, que hoje só os humanos possuem, mas também é preciso ter algo a dizer, seja pela necessidade de transmitir o que se pensa a outras pessoas e que elas entendam, bem como entender suas respostas, com as quais estabelece-se um diálogo, com plena consciência de seu conteúdo: sem dúvida, fala-se com o cérebro. Com tudo isso, tem-se que o problema a resolver é multidisciplinar: anatômica, etológica, neurológica, fisiológica, paleontológica, linguística e até religiosa (KRISTEVA, 2007).

### **2.1.1 Teorias sobre a origem da linguagem**

Segundo Saraiva (2014), o aparecimento da linguagem deve-se a causas naturais. Mas qual foi o substrato que permitiu sua origem? Existem diferentes teorias que tentam explicar como a linguagem apareceu, que basicamente se incluem em três:

- Teoria dos gestos. Este modelo foi originalmente descrito por Hewes (1973), que propôs que a necessidade de empregar as mãos em duas coisas ao mesmo tempo - usar ferramentas e se comunicar por meio de gestos durante a caça - teriam servido como pressão seletiva para transferir a linguagem de sinais para vocal / oral. Atualmente, vários autores defendem que o primeiro tipo de linguagem que nossos ancestrais usaram foi uma língua de sinais, pois antes de haver órgãos que permitissem a linguagem oral, sua forma de comunicação deveria ser gestual. Portanto, esta teoria não exclui nenhuma das outras duas (SARAIVA, 2014).

- Teoria cognitiva ou cerebral. A aparência da linguagem reduz-se às mudanças e à evolução do cérebro e da laringe. Assim, a presença de certas áreas do cérebro (áreas de Broca e Wernicke), lateralização cerebral e modificação da laringe são os elementos necessários para o surgimento da linguagem, independente de qualquer outro biológico (SARAIVA, 2014).

- Teoria social. Muitos fatores contribuem para dar uma origem social à linguagem, entre os quais se destacam: o papel do trabalho como causa determinante do andamento da

comunicação oral; o fato de compartilhar alimentos que forçaria atitudes cooperativas e exigiria uma linguagem para regulá-la; a necessidade de transmitir conhecimentos de pais para filhos, etc (SARAIVA, 2014).

De acordo com Kristeva (2007), vários autores entendem que o modelo social é aquele com maior capacidade explicativa, uma vez que estabelece uma relação entre o comportamento social, a linguagem, o desenvolvimento de artefatos e o desenvolvimento do cérebro.

Ao longo da evolução do gênero Homo, considera-se como o bipedalismo de ponto de partida, que deixou as mãos livres permitindo a fabricação e transporte de ferramentas, o que contribuiu para um aumento na capacidade craniana. Esses recursos são uma boa indicação quanto ao surgimento de habilidades cognitivas novas (inteligência, linguagem, etc.). Tudo parece indicar que a linguagem só poderia aparecer em uma espécie em que o processo da simbolização, embora primitiva, já fosse muito ativa (sonhos, rituais, superstições, etc.) (KRISTEVA, 2007).

Everett (2019) afirma que este processo de simbolização está ligado à complexidade social e implica uma vida comunitária muito intensa. Assim, além dos sinais anatômicos, considera-se importantes as indicações culturais sobre a origem da linguagem. Por exemplo, construir ferramentas é uma tarefa complexa, pois requer: uma seleção prévia dos materiais (planejamento), tem uma técnica precisa para acertar os núcleos de pedra da maneira adequada e escolher os flocos adequados dependendo do tipo de instrumento a ser obtido. Se a todo esse processo adicionarmos a transmissão deste conhecimento para a prole, implica uma habilidade da função cognitiva altamente desenvolvida. Existe uma correlação entre a encefalização e o tamanho do grupo em primatas. Em grandes grupos, a linguagem é a única forma de manter a coesão social.

Durante e após o grau *erectus*, existem circunstâncias que nos fazem pensar até que ponto não teria aparecido já no Pleistoceno médio algumas características - como linguagem e simbolismo, características de uma organização social complexa (EVERETT, 2019).

Os seres humanos modernos falam em uma linguagem de dupla articulação: juntam os sons básicos (fonemas) em palavras e as palavras em frases. A primeira e a segunda articulações parecem depender de órgãos diferentes. Para vocalizar (primeiro) é necessário ter a laringe posicionada baixa e ligar os fonemas formando palavras de acordo com as regras sintáticas muito precisas (segundo) requer intervenção cerebral (EVERETT, 2019).

Este último salto em direção à dupla articulação fonética / semântica é o produto de uma lenta e gradual maturação das capacidades cognitivas do ser humano e acredita-se que no *Homo sapiens*, ou talvez também em Neandertais (EVERETT, 2019).

### **2.1.2 A importância do homem se comunicar através da linguagem**

Segundo Pignatari (2015), a nossa língua é uma atividade humana de nível superior, partilha muitas características com outras atividades ou processos psicológicos, como a memória ou o pensamento (para muitos, o nosso pensamento é baseado na língua, a língua materna influencia de forma decisiva o nosso modo de pensar). Embora seja verdade que a linguagem não é a única maneira de comunicar que temos, é a mais rica e complexa. É também a conquista mais importante de nossa espécie, imagine como seria a civilização sem ela.

Os psicólogos estudam a linguagem que as pessoas usam quando falam e quando entendem o que ouvem. Uma linguagem viva, múltipla e mutável. Nos dias atuais, influenciados pelas teorias de Vygotsky (psicólogo russo 1896-1934), muitos estudiosos têm analisado o papel da linguagem como mediadora cultural e instrumento para conhecer, comunicar e criar mundos (PIGNATARI, 2015).

De acordo com Jakobson (2014), em 1954 foi publicado o livro "*Psycholinguistics*" (Osgood e Sebeok), dando o passo firme para unir a psicologia e a linguística. Seu objetivo principal é a compreensão cada vez mais abrangente dos processos de produção, compreensão e evolução da linguagem normal e patológica.

A neuropsicologia rastreia, por exemplo, os processos mentais que permitem que estímulos acústicos que chegam ao ouvido interno sejam convertidos em impulsos nervosos e cheguem ao cérebro para serem interpretados e traduzidos ali, ou seja, decodificados em partes compreensíveis. Por outro lado, a linguística tratará de descobrir quais são os processos individuais e coletivos que possibilitam às pessoas se comunicarem (JAKOBSON, 2014).

A psicologia lida com a análise da linguagem distinguindo entre seus componentes formais ou estruturais (como os sons da fala ou as leis que governam a formação de palavras, sentenças e textos), seus conteúdos (sobre o que a linguagem nos fala) e seus componentes funcionais (de que maneira podemos operar em nosso ambiente por meio da linguagem) (JAKOBSON, 2014).

Assim, para Pignatari (2015), é multidisciplinar, devendo constantemente recorrer à lingüística e à neuropsicologia, entre outras, ao abordar a psicologia da linguagem.

Poucas pessoas tem consciência de que percebemos a realidade de acordo com certos filtros com os quais processamos as informações que recebemos; Eles são estilos de organizar informações inconscientemente, também com a linguagem podemos influenciar positivamente ou negativamente os outros, gerenciar nossas emoções e as dos outros, entre muitas outras coisas (PIGNATARI, 2015).

A importância da comunicação é que ela é vital para o ser humano, onde o mesmo expressará seus sentimentos, desejos, vontades, emoções, bem como irá interagir com toda a sociedade e tornar-se um cidadão crítico (PIGNATARI, 2015).

## 2.2 HISTÓRICO DA LÍNGUA INGLESA

Segundo Ferreira (2018), a língua inglesa nasceu graças aos invasores germânicos que chegaram às Ilhas Britânicas do que hoje é o noroeste da Alemanha e da Holanda, além das do sul da Dinamarca. No início, essa língua era composta por um conjunto de dialetos, entre os quais o saxão ocidental se destacava. Foi necessário agregar muitas outras influências profundas, vindas, sobretudo, dos conquistadores escandinavos (no norte e no leste da Inglaterra, onde constituíam um Danelagh ou Danelaw visto que suas leis prevaleciam sobre os anglo-saxões).

A essas migrações somaram-se os germânicos e especialmente os normandos que chegaram à Grã-Bretanha entre os séculos VIII e XI. Portanto, pode-se ter certeza de que o inglês de hoje é na verdade um conglomerado de influências da Escandinávia e da Europa continental, principalmente da França. Todas essas migrações causaram a extinção das antigas línguas celtas e do latim que era falado em algumas cidades (FERREIRA, 2018).

É verdade que o inglês, em suas fases mais antigas, incorporou palavras dos dialetos celtas originais da Grã-Bretanha, que ainda permanecem em lugares como Escócia e País de Gales; bem como o latim, a língua oficial do Império Romano, que tinha a Grã-Bretanha como uma de suas províncias. Não se deve esquecer que a romanização teve grande influência na província da Britânia, mas também é necessário recuar mais de 3.500 anos para saber quando todas essas expressões foram incorporadas ao inglês. Das antigas línguas celtas nativas, apenas o galês permanece, pois o cornoico desapareceu no século XX (FERREIRA, 2018).

### 2.2.1 A influência francesa

De acordo com Paiva (2005), os normandos, originalmente da França, chegaram à Inglaterra no século XI. Naquela época, eles já haviam abandonado sua língua nativa em favor do francês (Franco), que era falado apenas na parte norte da França, uma vez que o occitano e outros dialetos eram falados no centro e no sul que continuam a sobreviver até hoje, mas depois a Revolução Francesa sofreu enorme pressão de assimilação. Os normandos o fizeram acompanhados por cidadãos bretões e franceses. A conquista se deu graças ao duque Guilherme II, que impôs suas tropas no campo de batalha às de Haroldo II da Inglaterra.

A casa normanda governou a Inglaterra por mais de três séculos. Naquela época, apesar de serem reis que não se importavam muito em viver na ilha, tanto eles quanto os cidadãos do continente falavam uma variante do francês conhecido como *Old Norman*. As pessoas que tinham suas raízes na Inglaterra continuavam a falar o antigo inglês-anglo-saxão (PAIVA, 2005).

Mas não é menos verdade que a influência estava lá: tendo que prestar homenagem aos senhores em francês, o inglês estava a ponto de desaparecer ou, pelo menos, ser relegado como a língua das classes mais baixas. Pouco a pouco, mais e mais palavras e expressões normandas foram introduzidas na imaginação britânica. Essa pressão linguística estava baseada no controle da classe normanda de administração, comércio e cultura (PAIVA, 2005).

Ferreira (2018) afirma que os atuais falantes de inglês consideram as expressões derivadas do francês muito mais formais do que aquelas que vêm dos dialetos germânicos. Isso pode ser visto em várias construções, que vão desde o acolhimento de uma pessoa até o nome dado a determinados animais de fazenda, como porcos e vacas. Um exemplo são os duais que existem em inglês para designar o porco: «pig» mas «pork» (que é a carne já abatida que foi servida ao senhor normando). As ovelhas do rebanho são "sheep", uma palavra anglo-saxônica (Schaf em alemão) e os cordeirinhos "lamb" (Lamm em alemão), mas a carne que o homem come é "mutton" do francês "mouton" (nada como o alemão Hammelfleisch). O mesmo acontece com o inglês "beef" ou "bœuf" francês, que é a carne que se come ("Rindfleisch" em alemão) e nada tem a ver com o animal vivo "ox" ou "Ochse" em alemão. Da mesma forma, o francês deu origem a duais relacionados ao comércio, como 'commence' e 'start', 'continue' e 'go on', 'encounter' e 'meet', 'purchase' e 'buy' e assim por diante.

O normando também foi claramente notado na antiga literatura britânica. O normal é que tenha sido escrito em latim. Na verdade, existem inúmeras palavras da língua românica por excelência que foram incorporadas ao que é considerado inglês antigo. O mesmo aconteceu com os dialetos germânicos, algo que deve ser considerado normal, pois o inglês tem raízes claras nesta região da Europa. Na verdade, existem inúmeras palavras e construções gramaticais que podem ser feitas tanto com palavras românicas quanto germânicas (FERREIRA, 2018).

Estima-se que cerca de 45% do vocabulário da língua inglesa venha do francês, se incluirmos compostos em que pelo menos uma parte tem sua origem nessa língua ("ice cream", por exemplo). Outras estimativas apontam para 29% ao quebrar as palavras incorporadas diretamente do latim (25%) e que em muitos casos elas são usadas apenas em textos jurídicos, etc. Por tudo isso, pode-se considerar o inglês como uma língua germânica híbrida que mantém em grande parte sua estrutura sintática germânica, típica na criação de compostos, apesar de não serem escritos juntos como nas línguas alemã ou escandinava, mas com grande influência latina (direta ou indireta) em seu vocabulário (FERREIRA, 2018).

### 2.2.2 O colonialismo e a língua

Segundo Paiva (2005), a necessidade de expansão das fronteiras vivida pelo Reino Unido a partir do século 16 fez com que a língua inglesa se espalhasse pelo mundo. O exemplo mais claro pode ser visto na criação da *Commonwealth*, da qual 53 estados fazem parte. Esta comunidade de nações mantém o inglês como a única língua oficial.

Alguns países onde o inglês é falado, embora não oficialmente, são Bahamas, Jamaica (o inglês é a língua de fato, mas a língua oficial é o Patois Jamaicano) e Trinidad e Tobago, entre muitos outros. Por outro lado, lugares tão exóticos como Bangladesh, Filipinas, Quênia, Malauí, Malásia, Nigéria, Sri Lanka e Tanzânia. Em qualquer caso, existem muitas outras nações em que é falado (PAIVA, 2005).

Da América do Norte à Oceania, passando pela África e Ásia. É verdade que não é oficial em muitos desses lugares, mas o passado colonial fez com que pessoas de muitas nacionalidades e países vivessem inevitavelmente falando em inglês (PAIVA, 2005).

Ferreira (2018) salienta que se trata de uma das línguas oficiais das Nações Unidas, para além de ser veículo da União Europeia e do Comitê Olímpico Internacional. Apesar disso, deve-se destacar que o inglês não é a língua mais falada no planeta. Essa honra vai para o chinês mandarim, com quase 1,1 bilhão de falantes. O inglês está em 2º lugar, com 942

milhões. O espanhol ocupa o 3º lugar, um pouco longe dos 2 primeiros, com 520 milhões de pessoas. No entanto, esses números não contam tanto para falantes nativos quanto para aqueles que adquiriram o inglês como segunda língua. Nesse caso, o espanhol seria a segunda língua mundial em número de falantes. Se contarmos os que estudam o idioma, o inglês seria a primeira língua com cerca de 2 bilhões de pessoas nativas ou capazes de se comunicar nessa língua com alguma habilidade, quase um terço da população mundial utiliza oficialmente com o objetivo de unificar o país, sem abrir mão de suas línguas indígenas (FERREIRA, 2018).

### 2.3 O INGLÊS UTILIZADO EM MISSÕES PELO MUNDO

Segundo Mendes (2015), o idioma técnico é aquele que possui termos e vocabulário bem específicos, onde as palavras são utilizadas com um significado específico para aquele setor. A dificuldade que se tem ao se fazer uma tradução técnica tem relação com a estrutura linguística, com a sintaxe.

As traduções mais utilizadas pelas Missões de Paz são as traduções simultâneas, as quais exigem que o tradutor seja um profundo conhecedor da língua, pois o mesmo não tem tempo para pensar, é preciso saber. Há apenas duas opções: traduzir ou não, uma vez que não há como inventar (MENDES, 2015).

Há também a necessidade de tradução de documentos, momento em que o tradutor poderá utilizar dicionários ou qualquer outro material disponível para realizar o trabalho.

De acordo com Souza Júnior (2015), a necessidade de conhecimento em idioma técnico no Exército Brasileiro se deu no contexto da crise de Suez, no Egito, quando percebeu-se que toda a comunicação que se daria fora do Batalhão de Suez seria feito no idioma inglês. No entanto, por não haver qualquer militar que tivesse pleno domínio da língua utilizaram-se militares voluntários os quais mantinham comunicação com as demais delegações da Missão, bem como com o QG da UNEF.

Como foi constatado, nem mesmo os Comandantes dominavam outro idioma, falha esta que deveria ser solucionada uma vez que muitas vezes os serviços prestados por militares que eram chamados às pressas eram de cunho duvidoso (SOUZA JÚNIOR, 2015).

Devido a esta necessidade criou-se a Seção de Intérpretes no Batalhão de Suez, a qual desempenhou seu papel de forma notável, tendo o reconhecimento pelos serviços prestados ao Batalhão de Suez e à Missão de Paz da ONU no Oriente Médio (SOUZA JÚNIOR, 2015).

Houve então o primeiro concurso para designação de 3 capitães que iriam ocupar as funções, realizado no então Centro de Estudos da Linguagem, no Palácio Duque de Caxias,

antigo Ministério da Guerra no Rio de Janeiro. A seleção foi feita por oficiais americanos e num total de 15 candidatos, 3 foram escolhidos (SOUZA JÚNIOR, 2015).

Souza Júnior (2015) chama atenção para o fato de que posteriormente a este avanço, em 1994, na Missão em Moçambique, Angola e Timor-Leste houve um retrocesso no que diz respeito aos tradutores e intérpretes.

Apesar do idioma local ser o português, o inglês era largamente utilizado para manter contato com o Comando Regional, situado em Beira, local onde ficava o único intérprete militar brasileiro, o qual foi designado para a função sem concurso (SOUZA JÚNIOR, 2015).

Nas Missões de Angola, UNAVEM I e UNAVEM II o Brasil colaborou apenas com observadores militares, sem a utilização de intérpretes, já na UNAVEM III o Brasil além dos observadores colaborou com equipes de saúde, oficiais de Estado-Maior, um Batalhão de Infantaria, uma Companhia de Engenharia e um Posto de Saúde Avançado, no entanto também sem a presença de intérpretes (SOUZA JÚNIOR, 2015).

No Timor-Leste o Brasil participou da INTERFET, enviando 50 policiais do Exército e um oficial superior comandante do contingente brasileiro. Esses militares receberam instruções sobre suas atividades naquele país, porém nada foi falado a respeito do idioma, no caso o inglês, sendo mais uma vez deixado de lado a utilização de um intérprete (SOUZA JÚNIOR, 2015).

Porém, com a Missão de Paz no Haiti que teve início no ano de 2004, observa-se um salto à frente, uma vez que ficou evidenciado a importância de se falar um outro idioma, pois a comunicação levaria a atingir objetivos táticos, operacionais e estratégicos (SOUZA JÚNIOR, 2015).

Após uma década da Missão de Paz no Haiti foram enviados para a função de tradutor/intérprete um total de 164 militares, entre homens e mulheres, os quais foram selecionados pelo Gabinete do Comandante do Exército tendo por base o Índice de Proficiência Linguística, os quais foram feitos através de testes de idiomas (SOUZA JÚNIOR, 2015).

### 3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

Os procedimentos metodológicos utilizados foram os seguintes: leituras preliminares para aprofundamento do tema; definição e elaboração dos instrumentos de coleta de dados e definição das etapas de análise do material. Ao serem estabelecidas as bases práticas para a pesquisa, procurou-se garantir a execução da pesquisa seguindo o cronograma proposto além de propiciar a verificação das etapas de estudo.

#### 3.1 TIPOS DE PESQUISA

Em um primeiro momento foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico, do tipo qualitativa. Posteriormente foi realizado um estudo de campo com 76 cadetes do 4º ano da AMAN, posteriormente foi realizado um estudo de campo com oficiais que já realizaram missões em países que possuem a língua inglesa como língua materna.

#### 3.2 MÉTODOS

A pesquisa bibliográfica se deu em livros e bancos de dados eletrônico, os quais diziam respeito ao tema. Para a pesquisa na internet foram utilizados os seguintes descritores: linguagem – comunicação – língua inglesa.

Após encontrar os materiais que serviam ao referencial teórico os mesmos foram fichados, para que se pudesse organizar o texto, o qual foi escrito e desenvolvido de forma gradativa.

O estudo de campo foi realizado através de um questionário virtual, aplicado pelo Google Forms, onde 76 cadetes do 4º ano da AMAN o responderam e dois oficiais subalternos do curso de infantaria da AMAN. As entrevistas foram tabuladas e deram corpo ao estudo de campo.

Para demonstrar os resultados obtidos foram utilizados gráficos e conclusões. O questionário respondido pelos cadetes encontra-se no Anexo 1 e o questionário respondidos pelos oficiais encontra-se no Anexo 2 deste estudo.

#### 3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

76 cadetes do 4º ano e 2 oficiais da AMAN, os quais responderam a um questionário virtual e presencial que se encontra no Anexo 1 e 2, respectivamente, deste estudo.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi realizado um estudo de campo com 76 cadetes do 4º ano da AMAN, o qual se deu através de um questionário respondido pelos entrevistados através do “Google Forms”. O questionário encontra-se no Anexo 1 deste estudo.

Após coletar as respostas, as mesmas foram tabuladas e estão sendo demonstradas neste estudo de campo, onde, através de gráficos pode-se compreender melhor os resultados demonstrados.

### 4.1 RESULTADOS

Com relação aos entrevistados, 86% deles tem conhecimento em outra língua, 14% não tem, conforme se observa pelo Gráfico 1.

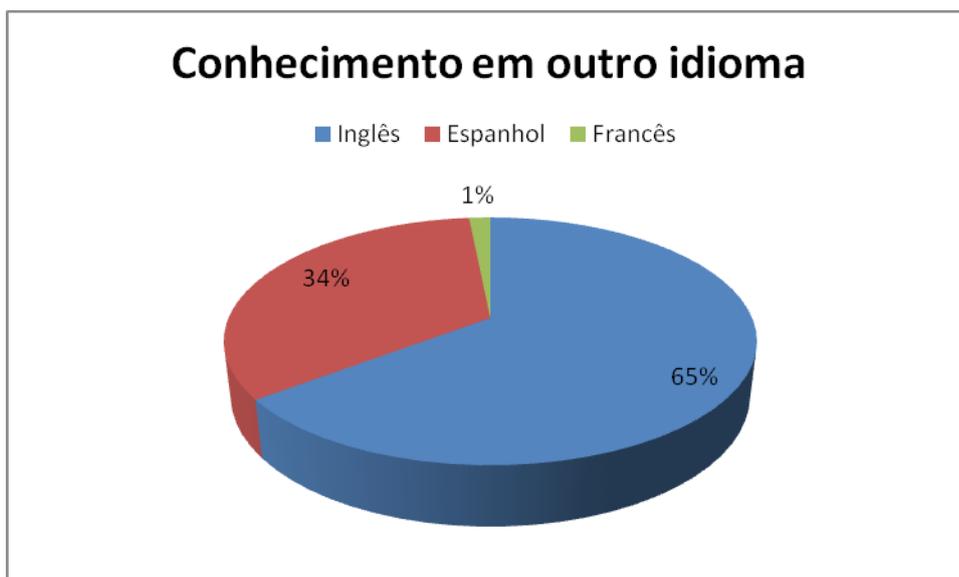
Gráfico 1 – Conhecimento em outra língua



Fonte: ELABORADO PELO AUTOR (2021)

Tendo o entrevistado respondido “sim” à primeira pergunta, que questionava que outra (s) língua(s) o entrevistado fala, 65% tem conhecimento em inglês, 34% em espanhol e 1% em francês, de acordo com o Gráfico 2.

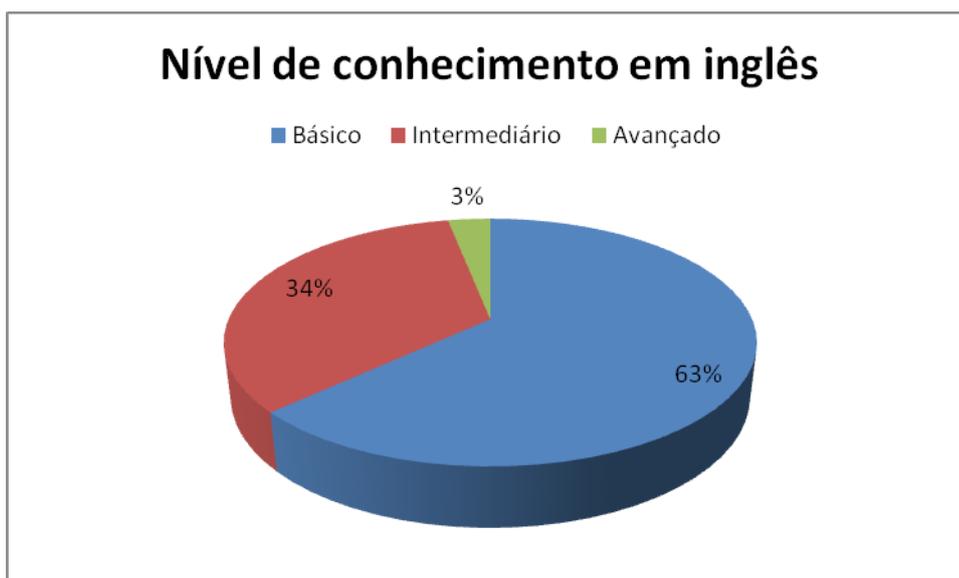
Gráfico 2 – Conhecimento em outro idioma



Fonte: ELABORADO PELO AUTOR (2021)

A respeito de qual nível de conhecimento da língua inglesa o entrevistado possui, tendo sido dadas as opções: ( ) Básico ( ) Intermediário ( ) Avançado, 63% possui nível básico, 34% nível intermediário e 3% nível avançado, de acordo com o que se vê no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Nível de conhecimento em inglês



Fonte: ELABORADO PELO AUTOR (2021)

Sobre o entrevistado considerar importante o militar ter conhecimento na língua inglesa para participar de operações militares no exterior, 95% consideram importante, 5% não consideram importante, de acordo com o Gráfico 4.

Gráfico 4 – Importância da língua inglesa para missões no exterior



Fonte: ELABORADO PELO AUTOR (2021)

No que diz respeito ao entrevistado achar que em uma operação militar no exterior, ter conhecimento do inglês seria crucial para o bom desempenho da tropa ou até mesmo para o sucesso da missão, 95% consideram que sim, é crucial e 5% consideram não ser crucial, de acordo com o Gráfico 5.

Gráfico 5 – Inglês crucial para sucesso da missão



Fonte: ELABORADO PELO AUTOR (2021)

Sobre o entrevistado já ter passado por alguma situação ou em alguma missão ou operação que lhe fosse exigido o conhecimento do inglês, 87% dos entrevistados disseram que sim, já precisou do inglês em alguma situação ou em alguma missão, 13% disseram que não, conforme se observa pelo Gráfico 6.

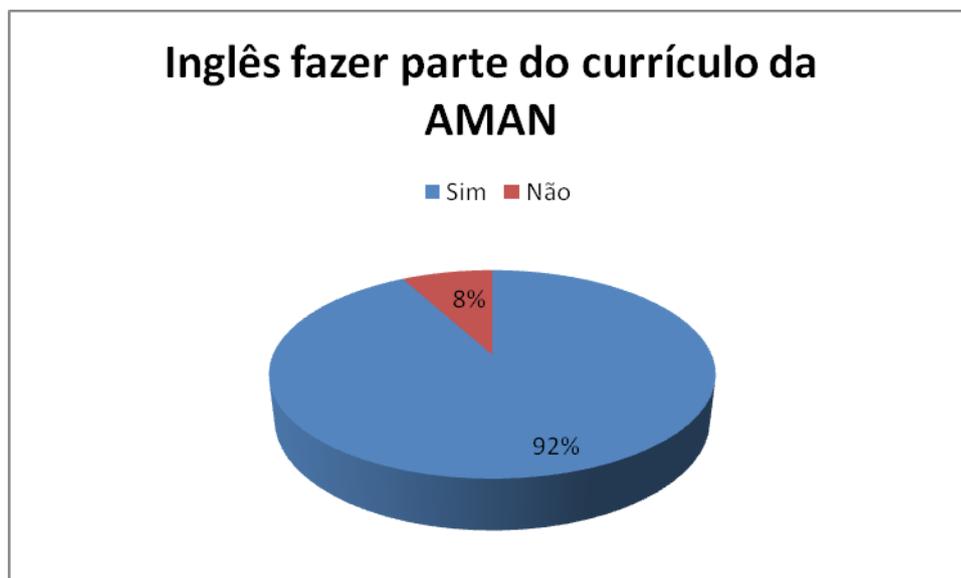
Gráfico 6 – Situação que exigiu o inglês



Fonte: ELABORADO PELO AUTOR (2021)

A respeito do entrevistado achar que o inglês deve fazer parte do currículo da AMAN, 92% dos entrevistados acham que deve fazer parte, 8% acham que não é necessário, conforme o Gráfico 7 demonstra.

Gráfico 7 – Inglês fazer parte do currículo da AMAN



Fonte: ELABORADO PELO AUTOR (2021)

De acordo com as entrevistas realizadas pode-se observar que 86% dos entrevistados falam outra língua, além de sua língua materna, e 65% destes tem conhecimento em inglês, 34% em espanhol e 1% em francês.

Para os entrevistados que possuem conhecimento em inglês, 63% possuem nível básico, 34% nível intermediário e 3% nível avançado.

95% dos entrevistados consideram que seja importante ter conhecimento da língua inglesa para participação em missões no exterior e esses mesmos 95% consideram o inglês crucial para o sucesso da missão.

87% dos entrevistados já precisaram do conhecimento em inglês em alguma situação ou em alguma missão. 92% dos entrevistados acham que o currículo da AMAN deve contemplar o ensino de Inglês.

Foi realizado um estudo de campo com 2 oficiais do curso de infantaria da AMAN com experiência em missões no exterior, o qual se deu através de um questionário respondido pelos entrevistados através de entrevista pessoal. O questionário encontra-se no Anexo 2 deste estudo.

Após coletar as respostas, as mesmas foram tabuladas e estão sendo demonstradas neste estudo de campo, onde, através de pequenas conclusões pode-se compreender melhor os resultados demonstrados.

## 4.2 RESULTADOS

Com relação aos oficiais entrevistados sobre como foi a seleção para a missão em questão foram obtidas as seguintes respostas:

Entrevistado 1: Dentre os militares de infantaria da turma de 2017 foram escolhidos os mais bem classificados com a habilitação mínima para a missão no exterior (2-1-2-2)

Entrevistado 2: A fração de Força Especiais já estava determinada para a missão, porém o comandante deveria ter a habilitação mínima que precisa para missões no exterior.

Com essas respostas nota-se que apesar dos diferentes tipos de missão realizada por esses militares em ambas necessitaram da habilitação mínima.

Sobre o entrevistado considerar que falar o idioma inglês foi relevante para a seleção foram obtidas resposta positiva de ambos deixando claro a necessidade da parte oral mesmo antes de ir para a missão.

Sobre a frequência de utilização do idioma no transcurso da missão foram obtidas as seguintes respostas

Entrevistado 1: utilizado a todo momento

Entrevistado 2: Na maior parte do tempo, pois como a missão era em fração a língua portuguesa era utilizada entre os brasileiros e nas demais situações era utilizado somente a língua inglesa.

Ficando mais notório a necessidade que os militares do Exército Brasileiro, principalmente os de carreira, tem de aprender o idioma inglês para que possam realizar as missões fora de seu país.

Sobre quais situações o idioma era utilizado foi respondido pelos dois militares que em todas as situações dadas como exemplo, somente o entrevistador 2 respondeu que para que toda a fração entendesse a emissão de ordens detalhadamente era utilizado também o português.

Se houve alguma situação que os entrevistados consideraram que foi fundamental falar o idioma para resolver algum assunto e que sem o idioma seria impossível solucionar foram obtidas as seguintes respostas:

Entrevistado 1: As avaliações de emissões de ordens eram obrigatoriamente em inglês e com conhecimento grande para que pudessem passar todos os detalhes da ordem.

Entrevistado 2: o comandante tinha que ter um bom conhecimento do idioma para dar ordens para a fração.

#### 4.3 DISCUSSÃO

Com o advento da globalização e a modernização, tem-se notado a constante preocupação do Exército Brasileiro em se modernizar desde final do século XX, principalmente no que diz respeito à área de ensino, a fim de melhorar a capacitação do perfil do militar.

Tendo em vista a necessidade de interação das Forças Terrestres com outros exércitos e até mesmo com a população local de outros países onde há missões, tornou-se urgente o aprendizado de outro idioma, principalmente da língua inglesa, que é um dos mais falados no mundo.

Assim, encontra-se na Diretriz para Modernização do Ensino:

As análises e avaliações procedidas no decorrer desses trabalhos permitiram configurar algumas tendências indiscutíveis e suas consequências na área educacional: (...) - O fenômeno da globalização, implicando o domínio de diferentes idiomas e a aquisição de conhecimentos que permitam ao aluno desenvolver a sensibilidade para interagir com outras culturas com as quais possa conviver (DEP, 1995, p. 2).

Desta forma, tem-se que é de suma importância que o militar do Exército Brasileiro seja conhecedor de outro idioma, mesmo porque, como visto na parte teórica deste estudo, cerca de 80 a 90% do conhecimento científico é veiculado na língua inglesa, portanto, há um reconhecimento por parte da comunidade científica pelo inglês.

É essencial ao militar inserir-se na comunidade científica internacional, tendo em vista a grande demanda de equipamentos e novas tecnologias disponíveis no mercado e que necessitam de conhecimento técnico para serem manuseados e utilizados, e na maioria das vezes sua capacitação é feita pela língua inglesa.

Além disso, as missões das quais o Brasil participa, sob a égide da ONU, exigem que o militar fale uma segunda língua, dando-se preferência ao inglês, o qual é falado pela grande maioria das pessoas em todo o mundo.

Assim sendo, é fundamental que o militar do Exército Brasileiro desenvolva a habilidade não só da fala, mas também da leitura em língua inglesa, em se tratando de uma linguagem técnica.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem e a comunicação são de grande relevância para o ser humano, podendo-se afirmar que o mesmo não sobrevive sem se comunicar. A comunicação se dá através de palavras, gestos, olhares, escrita, música, dança, dentre outros.

Para o militar do Exército Brasileiro saber um segundo idioma é fundamental, tendo em vista sua participação em missões que ocorrem em outros países, principalmente as missões sob a égide da ONU.

Além destas missões, as tecnologias, que dia após dia estão se modernizando, muitas vezes vem acompanhadas de manuais que se encontram em outras línguas, normalmente inglês e espanhol.

Diante desses desafios, conhecer o idioma inglês é relevante para que o militar, além de se comunicar com soldados de outros exércitos e com a população local do país em que irá realizar as missões, possa também utilizar tecnologias que estarão disponíveis assegurando-se de que não terá problemas em entender o manual das mesmas.

No estudo de campo realizado com os cadetes do 4º ano da AMAN, constatou-se a importância do idioma inglês para as tropas brasileiras em missões no exterior. Nota-se a necessidade de que a língua inglesa esteja presente no currículo da AMAN, a fim de que os militares tenham um conhecimento mais abrangente da língua.

O estudo também deixou claro que em algum momento da vida a maioria dos militares precisou ter conhecimento do inglês, bem como o bom desempenho da tropa e o sucesso de uma missão no exterior está relacionado ao conhecimento do inglês.

## REFERÊNCIAS

- EVERETT, D. L. **Linguagem: a história da maior invenção da humanidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2019.
- FERREIRA, A. **A chave do aprendizado da língua inglesa**. São Paulo: Alta Books, 2018.
- HEWES, G. W. **An explicit formulation of the relationship between tool-using, tool-making, and the emergence of language**. 1973. Disponível em: <[www.eric .ed.gov/?id=EJ079950](http://www.eric.ed.gov/?id=EJ079950)>. Acesso em: 17 fev. 2021.
- KRISTEVA, J. **História da linguagem**. São Paulo: Edições 70, 2007.
- MENDES, S. O. **O idioma técnico**. São Paulo: Juruá, 2015.
- PAIVA, V. **Ensino de língua inglesa: reflexões e experiência**. São Paulo: Pontes, 2005.
- PIGNATARI, D. **Informação**. Linguagem. Comunicação. São Paulo: USP, 2015.
- SARAIVA, P. E. S. **Cérebro, evolução e linguagem**. Brasília: UNB, 2014.
- SOUZA JÚNIOR, I. A. **Tradução e interpretação militar brasileira em missões de paz da ONU**. Disponível em: <[www.usacac.army.mil](http://www.usacac.army.mil)>. Acesso em: 29 mar. 2021.

**ANEXOS**

**ANEXO 1 - ENTREVISTA COM OS CADETES**

- 1) Além de sua língua materna, você fala outra língua?
- 2) Tendo respondido sim à primeira pergunta, que outra (s) língua(s) é (são) essa (s)?
- 3) Qual seu nível de conhecimento da língua inglesa? (  ) Básico (  ) Intermediário (  ) Avançado
- 4) Você considera importante o militar ter conhecimento na língua inglesa para participar de operações militares no exterior?
- 5) Você acha que em uma operação militar no exterior, ter conhecimento do inglês seria crucial para o bom desempenho da tropa ou até mesmo para o sucesso da missão?
- 6) Você já passou por alguma situação em alguma missão ou operação que lhe fosse exigido o conhecimento do inglês?
- 7) Você acha que o inglês deve fazer parte do currículo da AMAN?

## ANEXO 2 - ENTREVISTA COM OS CADETES

Nome: Marcelo Maia

Posto/Graduação: Tenente

Local da missão: EUA

Nome da missão: INFANTRY BASIC OFFICER LEADER COURSE

Data de início da missão: 09\2018

Data de término: 02\2019

### Perguntas

1. Como foi a seleção para a missão em questão?

Dentre os militares de infantaria da turma de 2017 foram escolhidos os mais bem classificados com a habilitação mínima para a missão no exterior (2-1-2-2).

2. O Sr. considera que falar o idioma inglês foi relevante para a seleção?

Sim.

3. Na missão, o idioma era usado todo o tempo, na maior parte do tempo ou às vezes?

Utilizado a todo momento.

4. O idioma era utilizado para quais situações? Ex.: execução de comandos via rádio, patrulha, interação com locais, para reportar e-mails para superiores ou subordinados...

Todas as situações citadas por ser motivo de avaliação.

5. Houve alguma situação que o Sr. considerou que foi fundamental falar o idioma para resolver algum assunto em específico, ou seja, que sem falar o idioma seria impossível solucionar o problema?

As avaliações de emissões de ordens eram obrigatoriamente em inglês e com conhecimento grande para que pudessem passar todos os detalhes da ordem.

Nome: Nardi

Posto/Graduação: Capitão

Local da missão: Inglaterra

Nome da missão: Cambriana

#### Perguntas

1. Como foi a seleção para a missão em questão?

A fração de Força Especiais já estava determinada para a missão, porém o comandante deveria ter a habilitação mínima que precisa para missões no exterior.

2. O Sr. considera que falar o idioma inglês foi relevante para a seleção?

Sim.

3. Na missão, o idioma era usado todo o tempo, na maior parte do tempo ou às vezes?

Na maior parte do tempo, pois como a missão era em fração a língua portuguesa era utilizada entre os brasileiros e nas demais situações era utilizado somente a língua inglesa.

4. O idioma era utilizado para quais situações? Ex.: execução de comandos via rádio, patrulha, interação com locais, para reportar e-mails para superiores ou subordinados...

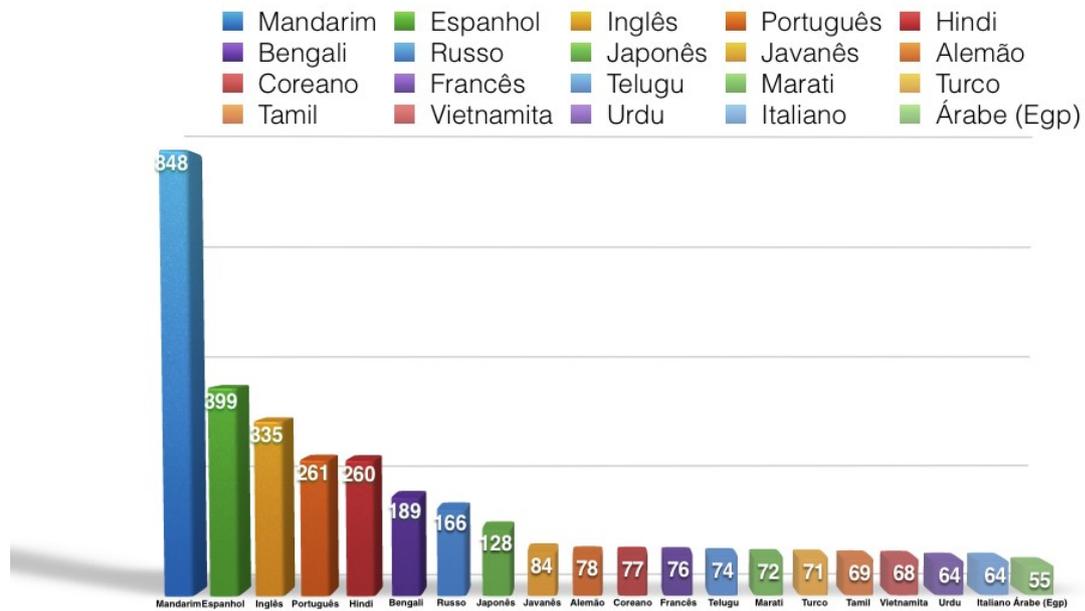
Todas as situações citadas.

5. Houve alguma situação que o Sr. considerou que foi fundamental falar o idioma para resolver algum assunto em específico, ou seja, que sem falar o idioma seria impossível solucionar o problema?

O comandante tinha que ter um bom conhecimento do idioma para dar ordens para a fração.

## ANEXO 3 – AS 20 LÍNGUAS MAIS FALADAS NO MUNDO

### As 20 Línguas mais faladas no mundo



Fonte: PINTEREST (2021)